

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1097	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	38800	12500	8050	8120	20 de Junho de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem)....	42000	12500	8050	8120		
Extranjero e India.....	52000	12500	8050	8120		

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ás baterias de Artilharia de Queluz



CHEGADA DE S. M. EL-REI D. MANUEL

CHRONICA OCCIDENTAL

Todo o afan da imprensa periodica de Lisboa parece concentrar-se agora, e mais uma vez, na questão da mendicidade que tomou, nos ultimos tempos, um aspeto por assim dizer grave. Sobretudo a vagabundagem infantil tem crescido por um modo assustador.

Não ha rua nem praça de Lisboa onde se não vejam a esmolar de dia e de noite homens e mulheres, velhos e creanças, uns doentes e decrepitos, outros fingindo se doentes, ainda outros aparentemente são e robustos, mas alegando não terem onde nem como ganhar pelo trabalho; e todos n'uma lamuria, n'uma choradeira, n'um côro de plan-gencia que é da gente fugir e muitas vezes, mau grado seu pensar, como o Barão da Falperra, que dizia ao creado quando algum pobre se lhe punha na escada a queixar-se da sua desdita e a pedir-lhe alguma coisa pelo amor de Deus:

— «Francisco, põe-me lá fóra esse desgraçado. Parte-se-me o coração de o ouvir!»

Lisboa, como todas as grandes capitães, é a cidade mais rica e mais pobre de Portugal. Ao lado da população abastada e remediada, que vive sem preocupações materiaes de pão, casa, lume e vestuario, vegeta, em pateos infectos, sobrelojas imundas, mansardas esconsas, na mais crua miseria, uma outra população de muitos milhares de creaturas, cujas necessidades, cujas dôres, fisicas e moraes, demandam uma vasta e solida organisação da assistencia publica e da beneficencia particular. A essa multidão de infelizes, a quem a vida reservou todos os seus aspetos torturantes, ha que juntar a miseria regulamentada e que ostensivamente estende a mão á caridade publica, as creanças abandonadas ou exploradas, a pobreza envergonhada, os reclusos do Limoeiro e do Aljube, os sem-trabalho, e todas as fórmãs do desconforto, do abandono e da tristeza.

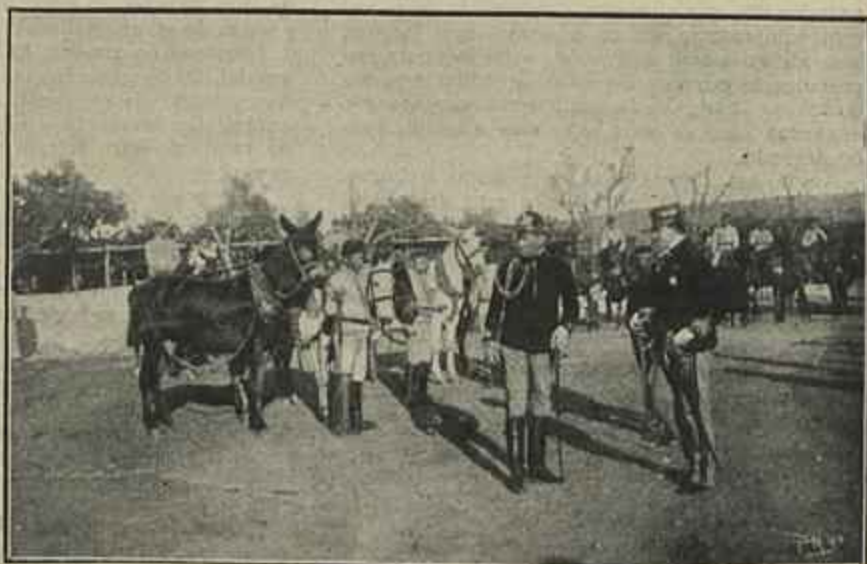
Poucas pessoas fazem uma idéa, sequer aproximada, da extensão e frequencia d'essas desventuras. Certamente que ninguem, que nenhum de nós é inteiramente estranho aos sofrimentos que nos re-deciam. Cada casa de familia, cada individuo tem «os seus pobres», isto é, um grupo de desgraçados a quem periodicamente socorre. Muitos são tambem os que mensalmente concorrem para o custeio de

instituições de previdencia, beneficencia e caridade. Escapa-nos, porém a noção do conjunto, a impressão panoramica da miseria, e não admira que assim seja, dado o caracter precipitado, violento, veloz, da moderna luta pela vida. Trabalhando a correr, cumprimentando a correr, tomando o electrico a correr, dando esmola a correr, não nos chega o tempo para o vasto inquerito que o conhecimento perfeito de uma classe social demanda.

Em toda a parte o Estado e a beneficencia particular occorrem a esse inquerito e aos correspondentes deveres de solidariedade social. Entre nós, o Estado alguma coisa faz, mas bem pouco para o que podia fazer, e pouquissimo comparado com as iniciativas de caracter particular. Demais provado está que a caridade official, fria, sêca, burocratica, está longe de egualar o beneficio acompanhado da palavra amavel e do gesto meigo que lhe servem de viatico. A caridade que conforta, a caridade que sabe bem, não está só na esmola, está na maneira de dar. Ora, em regra, o Estado não sabe dar. A esmola precisa do adicional da lagrima, e o Estado não sabe chorar.

Todas as classes sociaes tem colaborado no movimento de solidariedade social que ha tempos se acentua na vida lisboeta. Lisboa, ao contrario do que parecerá ao observador superficial prevenido, é uma cidade essencialmente bondosa que meia duzia de azeijos procuram, em vão, tornar antipathica. E' uma cidade tolerante, compassiva, dadvosa, justa. Lisboa só tem um defeito: o medo do ridiculo; mas esse defeito é comum a todos os povos latinos de civilisação adeantada. Se não fóra esse pavor do ridiculo que no lisboeta é uma verdadeira psychose, Lisboa faria milagres. Menos civilisado, o habitante de Lisboa seria talvez mais forte e, consequentemente, capaz de maiores iniciativas. Assim, vae na onda, mas custa-lhe imenso a procedê-la.

Esse medo do ridiculo faz que muitas classes que poderiam prestar relevantes serviços ao bem estar material e ao progresso moral das classes desprotegidas levem uma vida retrahida, isolada da grande massa da população. Assim, a chamada alta sociedade de Lisboa, constituída por esse grupo de familias que por ascendencia, educação, tradições, em toda a parte representa, além de elemento decorativo e documento incontestavel de uma civilisação brilhante, uma força social, em Lisboa não tem com o povo contato intimo que deveria ter. Porque? Por medo do ridiculo, porque receia que ás suas boas obras decem uma interpretação falsa ou malevola. Faz mal. Cada qual pratica a caridade como sabe e pôde, em harmonia com as suas creanças e a sua educação, e se um ou outro espirito intolerante lhe maldiz e envenena as boas obras, ha, pelo menos, uma



S. M. EL-REI D. MANUEL PASSANDO REVISTA

(Clichés Benoliel)

classe que as não discute: é a dos beneficiados; é a dos que choravam e agora riem.

Parece, porém, que a exemplo da alta sociedade da França e da Inglaterra, a alta sociedade de Lisboa vai iniciar um apostolado ativo e constante em prol da desgraça. E assim deve ser. As classes, como as sociedades, não morrem: transformam-se, adaptam-se às novas necessidades da civilização. Os grandes nomes do nobiliário português exerceram nas armas, nas ciências e nas letras do passado uma função brilhante. Porque não hão de exercê-la ainda hoje? E' mais que um direito, é um dever; é mais que um dever, é uma necessidade.

O povo francês, o povo inglês não seriam o que são se a cada momento não repousassem, enlevados, os olhos na formosíssima bondade das suas classes superiores. D'ellas deve descer a virtude, como das montanhas descem as torrentes a fertilisar os vales. Bem sabemos que os tempos são outros, mas nem por isso a função da grande dama rica e ociosa é menos nobre. Não ha que pensar feridas de cavaleiros, escudeiros e pagens, de volta da Índia, da Africa, da America, da Palestina; mas não faltam lares sem pão, sem sol e sem fogo; creaturas que morrem sem a assistência científica de um medico e sem a assistência moral de um coração; presos cuja consciencia é mais negra que a negra noite e a quem, desde a infancia, só ensinaram blasfemias; creancinhas cujo primeiro vagido foi um grito de sofrimento. E a therapeutica está ás vezes n'um olhar, n'um sorriso, n'uma linda coisa dita por uma linda boca.

Sabe-se como o assunto complexo da educação das creanças pobres preocupa, modernamente, todos os legisladores e sociólogos. Fazer de creaturas condemnadas á escravidão, á humilhação, ao roubo, á cadeia, ao degredo, ao sequestro, homens fortes e conscientes é sem duvida uma das mais limpidas, enternecidas e generosas obras do progresso contemporaneo. Não existe maior orgulho para o ser pensante da actualidade do que o que deriva d'uma bella acção.

Redimir um desgraçado e entregar-o liberto de delictos ou dôres pungentes á existencia fecunda, venturosa e magnifica, é ser heroe, assim como salvar da morte um homem a pouca distancia da sua perda, é praticar o heroismo. E a infancia é o futuro, a alacridade, a torrente prodigiosa de força que acionará o maquinismo complicado da vida terrestre, a marcha ascendente para outras edades, para outras religiões para outros sistemas sociaes, para outras aspirações; é o trabalho, a produção, a fecundidade da vida da especie, o desenvolvimento progressivo incessante: é a ciencia, a arte, a bondade, e, afinal, a perfeição.

Educa-a e dirige-a no momento em que ella floresce de graças, de doçura, de formosura e a sua intelligencia começa a luzir com o brilho misterioso de uma estrella, é preparam-a melhor para a sua missão augusta nos dias que hão de vir.

Todo o homem, por mais humilde que seja, é — no dizer de um pensador — uma energia que convem aproveitar, uma vontade, uma resistencia, uma razão, um braço para o combate. Nem todos, porém, se aproveitam — e quantos d'elles, verdadeiras flôres humanas — se perdem, se tornam inuteis ou concorrem para atrazar a efflorescencia de uma civilização.

Em Portugal, sem a iniciativa particular que possui uma intuição admiravel de todas as cousas grandes, os que tivessem o infortunio de se verem subitamente sós no mundo — sem familia, sem abrigo e sem dedicações — ou morriam enstodados ás paredes no meio da indiferença dos outros ou iriam, desde que fossem responsaveis, engordar com os seus cadaveres o torrão duro do degredo.

Ainda um d'estes dias os poderes publicos, pela palavra do sr. governador civil de Lisboa, declaravam que, por absoluta falta de recursos eram impotentes para resolver a questão momentosa da mendicidade da capital. E' certo que tanto bastou para que logo apparecesse um grupo de pessoas benemeritas declarando por seu turno que iam meter hombros á obra. Bello gesto! como agora está em moda dizer; mas a que distancia vai ficar ainda da solução cabal esta simples iniciativa por muito vasta e profiqua que se torne...

João Prudencio.

Idolatria

Oh! santa a quem eu réso a toda a hora
Um rosario d'amor e devoção!
Que não queiras amar-me — muito embora! —
Mas não rias da minha adoração.

Eu não te peço amor, bem vês, pois fóra
Pedir de mais, talvez, pedir em vão;
Adoro-te como idolo que se adora
E a quem se não exige coração.

Deixa sonhar-te a estrella fugidia
Que a mão de balde arranca dos espaços,
Deixa-me ser creança mais um dia.

Porque temo ver feito em mil pedaços
O meu ideal d'amor — que morreria
No marmoreo côr de rosa dos teus braços.

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

Visita de El-Rei ao quartel de caçadores 5 e batarias de Queluz

O glorioso regimento de caçadores 5, cuja historia vem das Guerras da Peninsula, em que foi sempre dos mais heroicos, até ás campanhas da liberdade, que acompanhou desde a ilha Terceira ás linhas de Lisboa, como o que mais briosamente se portou em todas as acções, aquelle que mereceu a particular estima do Rei Soldado, que preferia a farda de coronel deste regimento para entrar em combate, e nella determinou ser amortalhado. Este bravo regimento, tantas vezes condecorados seus officiaes e soldados com a ordem da Torre e Espada por actos de heroismo praticados em campanhas, e concedida á sua bandeira o usar a fita daquella ordem e a legenda: *Em vós possui a patria — De lealdade o mais illustre exemplo*, sendo-lhe tambem conferido o titulo de *Caçadores de El-Rei*, acha-se aquartelado no Castelo de Lisboa, denominado de S. Jorge, o monumento mais glorioso e respeitavel desta nacionalidade, ao qual estão ligados tantos fastos da sua fundação até quasi nossos dias.

Pois foi no Castelo de Lisboa que no dia 7 se realizou uma festa militar motivada na benção de uma nova bandeira do regimento de caçadores 5, festa a que assistiu El-Rei D. Manuel e o Sr. Infante D. Affonso.

Para este effeito o quartel e praça do Castelo estava em festa, tudo decorado de trofeus militares, bandeiras e flôres, com que foi recebido El-Rei, comandante honorario do regimento, achando-se presentes os srs. ministro da guerra, general da divisão e toda a officialidade.

Na praça do Castelo estava armado um altar, onde o capellão rezou missa e celebrou a cerimonia da benção da bandeira. Depois destes actos o reverendo Curado fez uma alocução apropriada e em seguida houve a ratificação do juramento.

El-Rei e o Sr. Infante D. Affonso almoçaram no quartel, com a sua comitiva e comandante do regimento sr. coronel Seabra de Lacerda, havendo dois brindes ao toast, um de Sua Magestade e outro do sr. comandante.

Terminado o almoço, El-Rei passou a visitar o quartel, tendo primeiro inaugurado, no gabinete do comando do regimento, um retrato em fotografia, que offerecera á officialidade, inaugurando tambem outro retrato que offereceu aos sargentos.

Na parada formou todo o regimento e á passagem de El-Rei foi entoado um canto militar cuja letra, do sr. capitão Carvalho, foi metida em musica pelo maestro da banda, sr. Braz. Este canto agradou muito e foi bisado a pedido de Sua Magestade, que distinguiu o maestro com o colar de S. Tiago.

Por fim, Sua Magestade e Alteza assistiram aos exercicios, ou provas desportivas, de esgrima, ciclismo, corrida de obstaculos, tração, etc., havendo distribuição de premios aos vencedores.

El-Rei visitou, no dia 9 do corrente, as batarias de artilharia de Queluz, acompanhando Sua Magestade, os srs. ministro da guerra e comandante da divisão militar general Gorjão, com seus respectivos chefes de gabinete e ajudante.

No quartel de Queluz foi recebido pelo coman-

dante e toda a officialidade, passando El-Rei minuciosa revista ás batarias formadas, que se apresentaram na melhor ordem, pelo que Sua Magestade dirigiu palavras de louvor ao digno comandante das batarias e officiaes.

O monarca foi muito festejado nesta visita, sendo-lhe oferecido por um grupo de creanças um lindo ramo de flôres.

OS TERRAMOTOS DO RIBATEJO

O bando precatório dos estudantes de Lisboa

Nas povoações do Ribatejo assoladas pelo terramoto de 23 de abril, ainda não cessou completamente de haver tremores de terra, repetindo-se quasi todos os dias com maior ou menor intensidade em varios pontos, o que tem ocasionado mais algumas derrocadas de edificios e não menor pânico nas populações.

Infelizmente esse estado oscilante não tem permitido que por ora se emprendam construções definitivas, limitando-se apenas a arranjar abrigos mais ou menos provisórios para a população, e nesse sentido se tem trabalhado com diligencia, para o que não faltam braços nem material.

O problema da reedificação das povoações arrasadas, continúa a ser discutido sob o ponto de qual sistema de construções será o mais conveniente para resistir aos movimentos sismicos, visto aquella região estar compreendida na zona sismica, como agora melhor se reconheceu.

Sobre isto já aqui nos pronunciámos em n.º 1:093 de 10 de maio, no artigo *Os terremotos do Ribatejo*, dizendo: «... o sistema das novas edificações, que devem ser quanto possível leves de paredes e sempre armadas sobre esqueleto de madeira não sangrada, ferro ou aço, tudo bem preso de gazepe, preferindo o cimento armado á alvenaria...»

Esta nossa humilde opinião vimol-a confirmada pelo sr. padre Himalay, numa conferencia que, em 8 do corrente, fez na Academia de Ciencias de Portugal, sobre o assunto.

O illustre sabio disse:

«Só o edificio que seja formado de materiaes capazes de formar uma só peça solidaria, e nos quaes a resistencia parcial e total seja consideravel tanto ao trabalho de compressão como ao de tração, flexão em todos os sentidos é que pôde resistir á impulsão sismica.

«Os materiaes conhecidos capazes de realizar este desiderantum, são a madeira forte e elastica, o ferro e o cimento armado.»

Entretanto o sr. padre Himalaya acha estas casas perigosas para o caso de incendio, no que até certo ponto tem razão, e por isso pronuncia-se pelas construções em beton armado ou ferro-cimento, atendendo á economia, pois as construções de madeira com ferro ou aço, mais dispendiosas e reclamando mais despesas de conservação, seriam ainda as que melhor resistiriam aos abalos sismicos.

Depois da abalitada opinião do sr. padre Himalaya, sentimo-nos mais fortes em nosso entendimento, e pensamos quanto dinheiro se desperdica em casas de grossas paredes e pesado material que por fim só servem para a construção sair cara, quando tanto se precisa de habitações baratas e seguras, higienicas e de certa elegancia, que resolvam o grande problema da carestia das casas, que se torna um verdadeiro flagelo para a maior parte das populações, especialmente em Lisboa.

Com o salutar intento de construir uma escola em Benavente, tomaram os estudantes da Escola Politecnica a iniciativa de angariar meios para esse fim, sendo secundados por toda a academia que entusiasticamente se associou a tão bella idéa.

Além de outros meios de receita que os estudantes da Politecnica tem promovido, propozeram-se realizar um bando precatório em Lisboa, bando que levaram a effeito no dia 4 do corrente com o concurso dos estudantes dos liceus da capital, Colegio Nacional, Instituto Industrial, alumnos da Casa Pia, Escola Central de Ensino Livre, Colegio de Campolide com a sua banda, e todos com as suas bandeiras, formando um estenso cortejo que percorreu uma parte da cidade compreendida entre a Escola Politecnica, donde o bando saiu, Principe Real, S. Pedro de Alcantara e S. Roque, ruas Garrett, do Carmo e do Ouro, Pelourinho, Praça do Comercio, rua Augusta, Rocio,

Avenida da Liberdade, Rato, S. Bento, Praça das Flores e rua de S. Marçal até dar entrada na Escola.

Não bando ia unia carreta de bombeiros enfeitada de palmas e flores com as bandeiras do Lyceu do Carmo e do Instituto Industrial, e ostentando uma figura de Minerva.

Não foi infrutifero o apelo dos estudantes ao povo da capital, e antes de um magnifico resultado, pois elevou-se acima de oitocentos mil réis, além de outros donativos, o produto do peditorio, isto depois da cidade ter já contribuido largamente por varias formas para os pobres do Ribatejo, e os bombeiros terem tambem feito dois banhos precatorios que produziram mais de tres contos de réis.

Vê-se assim quanto foi simpatica ao publico a idéa dos estudantes e quanto é inesgotavel o espirito de caridade do nosso bom povo.

Depois de tantas dedicações e até da abnegação de muitos, bom é que a boa applicação de todos esses sacrificios venha coroar esta obra meritoria, sem que a politica se intrometa a desvirtuar as boas intenções dos que tem concorrido com os seus obolos.

Isso seria um cataclismo, acaso, mais funesto que os terremotos que assolaram as pobres povoações, pois infelizente todos sabem a quantas venalidades e injustiças arrasta a politica.



Major Annibal Machado

Novo governador do distrito de Moçambique

Foi nos agradavel surpresa a noticia que nos chegou da nomeação do sr. major Annibal Machado para governador do distrito de Moçambique, em substituição do sr. capitão Massano de Amorim, que vem ao reino fazer tirocinio para o posto de major.

A noticia foi-nos particularmente agradavel, por conhecermos muito de perto o novo governador, que é um dos nossos africanistas mais valiosos e prestantes, com longa folha de serviços nas colonias, onde, quasi, tem passado sua vida.

O sr. major Annibal Augusto da Silveira Machado, nasceu em Lisboa e é filho do falecido capitão Annibal Machado, que foi lente da Escola do Exercito onde deixou boa memoria de sua passagem por aquelle estabelecimento de ensino.

Educado no Real Collegio Militar, ali concluiu os seus primeiros estudos em 1883, matriculando-se em seguida na Escola Politecnica.

Ainda nos bancos da escola já se entusiasmava pelas coisas de Africa, que então principiava a despertar mais interesse e não poucas discussões, provocadas pela conferencia de Berlim, em 1885.

Sob estas impressões o joven estudante, contando apenas 17 annos de idade, propoz-se ir para Africa, alcançando o ser despachado em alferes para o Ultramar, por decreto de 21 de janeiro de 1886.

Desde então começou a prestar os seus serviços nas colonias do sul e do norte d' Africa, no Congo, Angola, Moçambique, Guiné, S. Thomé, Lourenço Marques e Beira, ora na fileira, ora em comissões de serviços administrativos, desempenhando-se sempre com superior distincção, zelo e intelligencia, pelo que mereceu o ser agraciado com o grau de cavaleiro da Torre e Espada e medalha de prata da classe de bons serviços e compontamento exemplar.

Estas distincções foram-lhe concedidas muito principalmente pelos serviços prestados na Campanha da Guiné, de 1894.

Desde 1896 até 1907 esteve ao serviço da Companhia de Moçambique, na Beira, onde exerceu importantes comissões, no desempenho das quaes mereceu a estima de todos os funcionarios superiores e inferiores, deixando o cargo que ali tinha para vir ao reino fazer o seu tirocinio de camando para o posto de major e que ha pouco concluiu.

Regressando de novo á Africa Oriental, foi-lhe confiado o governo do distrito de Moçambique, como acima referimos, e poucas vezes a escolha terá recaído em um official tão habilitado e com tanta competencia, como o sr. Annibal Machado.

Conhecido em toda a Africa e mais especialmente na Oriental, por sua maior permanencia naquella região, ali tem geraes simpatias, que muito o ajudarão a fazer um bom governo, tanto

melhor quanto o novo governador conhece todos os serviços e complicada engrenagem da administração colonial, e a sua atividade e intelligencia exercitada numa longa pratica, lhes permite desempenhar-se cabalmente da alta comissão para que foi agora nomeado.

Por tudo damos os parabens ao major, sr. Annibal Machado e á provincia de Moçambique.

C. A.



Taça Lisboa

Realizou-se no domingo 6 do corrente esta importante regata, sem duvida a mais interessante que durante o anno se realiza em Portugal; para ella escolhem os Clubs nauticos os seus mais habéis e resistentes remadores, que durante algumas semanas antes da corrida treinam com o maior methodo e regularidade.

Cumpriu a Real Associação Naval, como detentora da taça no ultimo anno, a organização d'esta festa, a qual é digna dos maiores louvores pela competencia com que organiso estas corridas de que passamos a dar seus resultados.



MAJOR ANNIBAL MACHADO

NOVO GOVERNADOR DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE

Na primeira corrida, em que se disputava a Taça Lisboa, tomaram parte os *outriggers* *D. Manuel II*, do Real Club Naval, e *Tejo*, da Real Associação Naval.

A lucta, que foi deveras renhida, terminou pela victoria do R. C. N. cuja embarcação era tripulada pelos srs. Albano dos Santos, Jorge Aldim, Carlos Kessler, A. Motta Marques e Vasco d'Almeida (timoneiro), seguida apenas a distancia d'um comprimento pela R. A. N. Vencedores e vencidos receberam á chegada justos applausos.

Em seguida realiso-se a corrida inter-escolar que pela primeira vez se effectou entre nós, tomando parte uma tripulação de alumnos do Lyceu da Lapa e outra do Lyceu Passos Manuel (Carmo).

Chegou em primeiro logar a *equipe* do Lyceu da Lapa composta dos srs. E. Paiva Simões, José Pedro Folque, Boaventura Bello, A. Andrade Pinto e Ricardo Pereira Dias (timoneiro).

Na 3.^a corrida, em que entraram os *outriggers* *Douro*, pelo Oporto Boat Club; *D. Manuel II*, do Real Club Naval, e *Tejo*, da Real Associação Naval, chegou em primeiro logar a embarcação da R. A. N. tripulada pelos srs. José Serra, José Prego, Augusto Talone, William Sissener e C. Sá Pereira, seguida a pequena distancia pelo R. C. N. em que entrou de novo a tripulação da Taça Lisboa, e pelo O. B. C.

Effectuou-se depois a 4.^a corrida para *Juniors* com duas *equipes* da Real Associação Naval e Real Club Naval, ganhando a que remava no *outrigger* *Douro*, composta dos srs. Henrique d'Aragão, Duarte Bello, Ernesto Ryder, Leonel Ryder e José Faria (timoneiro).

Por ultimo realiso-se a 5.^a corrida para *outriggers* de quatro remos, uma das que despertou

maior animação por n'ella tomarem parte socios do Gymnasio Club Figueirense que pela primeira vez correu em Lisboa, do Real Club Naval e Real Associação Naval. Coube ainda a victoria á R. A. N. representada pelos srs. W. Sissiner, José Prego, Fernando Costa, José Duarte e Luiz Rembado. Chegou em segundo logar o R. C. N. e a pequenina distancia d'este o G. C. F.

E assim terminou esta festa a que não faltou boa concorrência e grande animação. Não deixaremos de frizar que a R. A. N. destinou o producto das entradas nos logares reservados, na muralha da Junqueira, a favor das victimas das catastrophes do Ribatejo, pelo que a direcção d'este Club merece os mais entusiasticos elogios.

P. T.



CONCURSO TURINO

Promovido pela Real Associação Central de Agricultura

Para animar o desenvolvimento e apuramento da raça bovina, de tanta riqueza para a agricultura e industria de lacticinios, promoveu a Real Associação central de Agricultura, um concurso de raças turinas, o primeiro de uma serie de concursos pecuarios que se propõe levar a effeito por todo o país.

Este concurso realiso-se, no dia 6 do corrente, no Campo Grande, onde se verificava, no mesmo dia, a feira mensal de gado que ali costuma haver.

Concorreram 17 creadores com 85 animaes e suas crias, sendo admitidos 42 que estavam nas condições do concurso, ao qual podiam concorrer não só os animaes de pura raça turina, mas ainda os della derivados ou cruzados com raças holandêsas, sendo a classificação feita em tres grupos: touros, vacas e crias, com tres premios para cada grupo.

Se este concurso não teve tão grande exito como seria para desejar, foi contudo bastante animador o resultado, atendendo a ser uma primeira tentativa deste genero.

Entre os exemplares apresentados viam-se alguns magnificos, destacando-se especialmente um grupo de vacas e um touro holandês puro, pertencente ao sr. Eduardo Placido.

O juri, composto de tres medicos veterinarios srs. Ildefonso Borges, Miranda do Valle e Santos Viegas, e pelos professores agronomos, srs. Cincinato da Costa e dr. Manuel Braamcamp Soveral, fez a seguinte classificação para premios:

1.^o grupo: melhor touro turino, ou melhorado com sangue holandês, em plena função reproductora—1.^o premio, 20 libras, ao sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira; 2.^o premio, 10 libras, á firma Souto Mayor & Mouraco Lt.^{as}; 3.^o premio, menção honrosa, ao sr. Antonio Castanheira de Moura.

2.^o grupo: melhor vaca turina pura, ou melhorada com sangue holandês, em lactação—1.^o premio, 15 libras, ao sr. Joaquim A. Pombeiro; 2.^o premio, 8 libras, ao sr. João Correia Valente; 3.^o premio, menção honrosa, á Associação Protetora da Primeira Infancia.

3.^o grupo: melhor cria da raça turina pura, ou melhorada com sangue holandês—1.^o premio, 8 libras, á Sociedade Agricola «Batedouro»; 2.^o premio, 5 libras, ao sr. Joaquim A. Pombeiro; 3.^o premio, menção honrosa, ao sr. Antonio Castanheira de Moura.

Compareceram S. A. o Sr. Infante D. Afonso, ministro das obras publicas, sr. conselheiro Barjona de Freitas; diretor geral da agricultura, sr. conselheiro Lecoq, e os srs. conselheiro Oliveira Feijão, Eduardo Placido e Julio Torres, como representantes da Real Associação de Agricultura, além de grande numero de convidados e expositores.

Depois da distribuição dos premios, o sr. Miranda do Valle fez uma conferencia sobre as vantagens do *Herd-Book*, muito usado lá fóra com grandes vantagens para os creadores de gado.

O *Herd-Book* é um livro onde se escreve a genealogia do animal a que pertence, mencionando todas as circunstancias que se dão durante a vida, o que tudo é nelle oficialmente registrado conforme a indicação dos donos, sendo o animal marcado na orelha com o numero do seu livro respectivo.

Por este livro se autentica a raça do animal, sua filiação, características, sanidade, etc., observando ao creador os preceitos higienicos que deve

usar no tratamento do animal.

A inscrição dos animais no *Herd-Book* é facultada pela Real Associação de Agricultura, mediante uma determinada taxa a pagar.



Centenario da Guerra Peninsular

Ninguém como Napoleão foi exaltado, adorado e temido durante a sua extraordinária existência, mas ao culto de que uns o cercavam correspondiam odios profundos d'aquelles que soffriam os terribes golpes do seu poder guerreiro, ou que a sua ambição desmedida opprimia ou contrariava.

Por todos os paizes appareceram durante o primeiro imperio, satyras, verrinas, pamphletos, espirituosos uns, infames outros, com que se pretendia ferir ou deslustrar o terrivel imperador.

Procurando entre os escriptos portuguezes d'esse tempo, algumas cousas curiosas podem desenterrar-se, como o interessante dialogo phantasiado por auctor ignoto e publicado em 1808, na typographia Lacerdina, com as competentes licenças, em que figuram o Diabo e Bonaparte.

RIBEIRO ARTHUR.

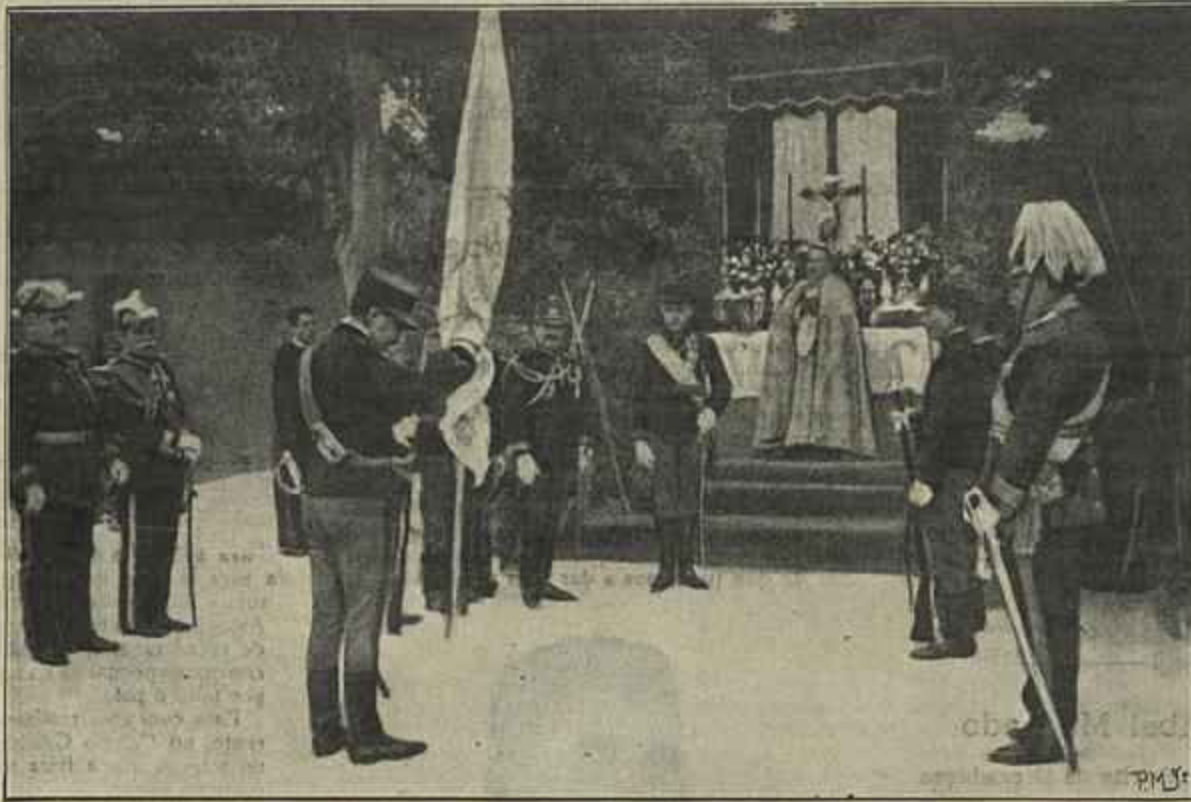
PERFIDIA OU POLITICA INFERNAL

DIALOGO ENTRE LUCIFER E BONAPARTE

Luc. *Well come, sir, well come.*

Bon. Que é isto, Principe das Trevas? Apenas piso a entrada da tua lugubre morada, logo me insultas, dando-me as boas vindas em uma linguagem que abor-

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao quartel de Caçadores 5



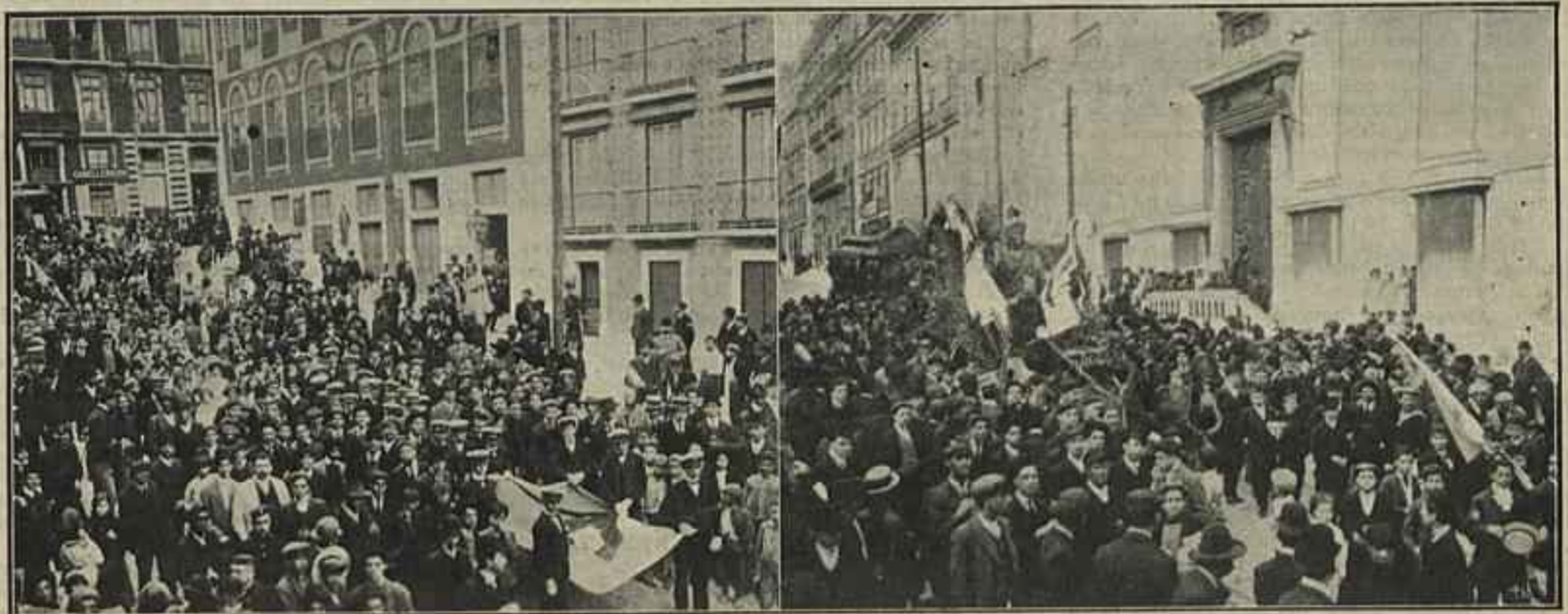
CEREMONIA DA BENÇÃO DA BANDEIRA DO REGIMENTO DE CAÇADORES 5

Os terramotos do Ribatejo



me apossar da Hespanha toda, aonde tinha de commandar debaixo do nome de meu caro irmão? As minhas tropas, recebidas nos braços dos portuguezes, não calcaram ellas aos pés por tanto tempo esta valorosa, mas crédula, e desgraçada nação? Afinal, a Europa toda, toda a Asia, a Africa e America, pensas tu que haviam de escapar ao jugo de um homem manhoso, que extrahindo o dinheiro e riquezas dos povos todos, sabia armar uns contra os outros, e brigar separadamente com estes, para depois atacar aquelles? Não tratava eu de estabelecer o imperio universal sómente com o fim de extinguir a moral e a religião, para depois offercer tudo a teus pés, posto que ensanguentado e moribundo?

Luc. Mais de manso, meu Bonaparte, é necessario que tu reflectas na pessoa com quem fallas. O imperio a que lançavas os fundamentos, era para ti e para teus caros, posto que estupidos, irmãos. Quando tu im-



BANDO PRECATORIO DOS ESTUDANTES DE LISBOA SAINDO DA ESCOLA POLITECNICA—O BANDO PRECATORIO NA RUA DE S. ROQUE

(Clichés Benoliel)

provisavas sobre tão chimefaricas façanhas, nem mesmo de teus infelizes vassallos te lembravas. Oh! (á parte) lóra d'aqui canalha infernal, que tenbo de conversar em particular com este homem... Agora, Napoleão, que estamos aós, vamos por partes: Diz-me uma cousa; sendo tu tão amigo de sangue, não te lembraste de assassinar o imperador d'Austria quando estiveste só com elle na barraca de Austerlitz?

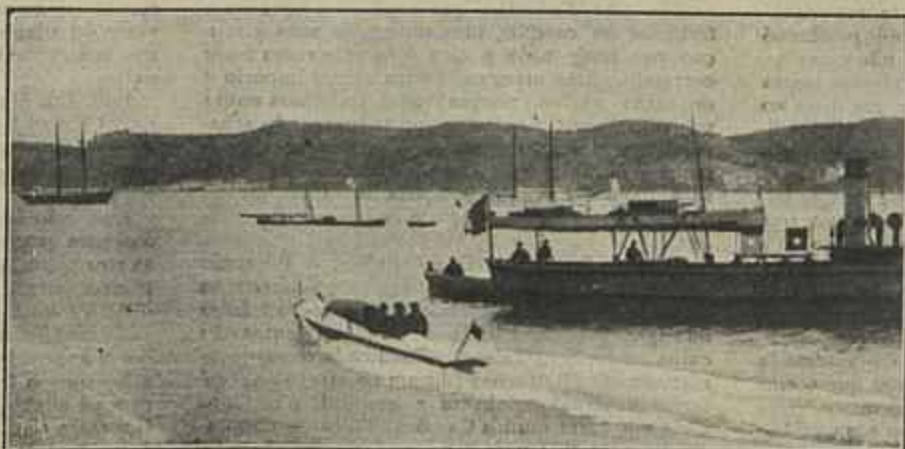
Bon. Isso era uma acção muito indecorosa.

Luc. Pois tu ainda respeitas o decoro das acções?

Bon. E que satisfação havia eu de dar ao mundo?

Além de que os russos, e

Taça «Lisboa» — A regata de remos



correu essa escapatoria, confesso o meu erro Senhor Diabo.

Luc. Adiante. E o Pontifice Romano, porque o não mataste quando elle foi a Paris, para depois te declarares Papa?

Bon. Mas ninguém me havia de reconhecer por tal.

Luc. Também não houve até agora quem te reconhecesse por Arbitro da Europa, e comtudo tu não perdes a occasião da baforada, arrogando-te um titulo que se não creou para ti.

Bon. E eu podia ser Papa, sendo leigo e casado?

Luc. Não; mas também tu sendo impotente te deixaste intitular *Todo Poderoso*, e



A «INVICTA» CANOIA-AUTOMOVEL DO SR. CARLOS BLECK
O «OUTRIGGER D. MANUEL II» VENCEDOR DA TAÇA «LISBOA» — O «OUTRIGGER TEJO» VENCEDOR DA 3.ª CORRIDA

prussianos ainda estavam com as atmas na mão.

Luc. Podias dizer que elle imperador, subornado pelo singezes, tinha projectado assassinar o teu exercito; assim como disseste em outro tempo, falando d'El-Rei de Sardenha.

Bon. Não me lembrou isso. Luc. E porque não envenenaste o imperador da Russia nos banquetes de Tilsit?

Bon. Isso lembrou; mas que desculpa podia ter uma perfidia semelhante?

Luc. Ingleses no caso: Não te tinha dito que attribuisses tudo aos ingleses?

Bon. Porém, lá não estavam ingleses.

Luc. Também os ingleses não estavam em Madrid, e tu disseste, que a revolução tinha sido lembrada e suggerida por elles.

Bon. Também me não oc-

Concurso Turino



nem por isso te escartaram na cara, como merecias; porque esse attributo compete unicamente ao Creador do Ceu e da Terra.

Bon. E que me dizes á politica Machiavelica com que prometti Hannover a El-Rei da Prussia, para me ficar desembaraçada a victoria de Austerlitz, e com que depois em lugar de cumprir o que promettera, o ataquei, e lhe roubei a metade do reino?

Luc. Ainda podias fazer mais: como tu estás na posse de cumprir assim as tuas promessas, podias offerecer-lhe a conquista dos antipodas, o paiz das amazonas na America e os Paizes baixos na Europa; podias á sombra d'estas offeras, servirte das suas forças, e assassinar o emfim e ao seu exercito.

Bon. E elle cahiria n'essa?



TOURO TURINO PURO, DO SR. ANTONIO FRANCISCO RIBEIRO FERREIRA, 1.º PREMIO — O JURI CLASSIFICANDO OS EXEMPLARES EXPOSTOS
(Clichés Benoliel)

baixa, para que elles me seguissem, e foi assim que chegámos á ponte rustica já minha conhecida.

Iria direito ao pequeno hungalow, se ao chegar á clareira do bosque, não houvesse occorrido alguma coisa n'este momento, que me fez parar de repente.

Surprehendente foi então o que vimos e que fez com que Peter Bligh exclamasse:

— Virgem Santa!... Isto são sarafins que cantam, ou sou eu que estou sonhando?

— Cala-te ahí, falador! — lhe disse eu. — Terás por acaso medo de duas raparigas?

— Ou de tres — retorquiu Peter — e sendo numero impar, é enquiço pela certa!... Quando meu pobre pae...

— Deixa-te agora de historias! Cala a bôca e espera um pouco — exclamei interrompendo-o.

Custou-lhe bastante, mas não teve remedio senão obedecer, enquanto nós ficavamos como que petrificados ante a scena phantastica que se nos deparava.

Lá adiante, ora baixando-se ora levantando-se das negras penedias que se elevavam na nossa frente, vimos três raparigas saltando de rocha em rocha, trazendo cada uma um archote acceso na mão, e cujo reflexo batendo em chapa nos penedos, os fazia brilhar como se fossem enormes diamantes.

Tão ageis e esbeltas eram as cachopas, que mais pareciam três corças a saltar nos rochedos, do que raparigas que andassem brincando pelo monte.

Cantavam e riam n'uma alegria louca, falando uma lingua, em cujas phrases se percebia uma ou outra palavra francesa mesclada de outras allemás, mas a maior parte de tal phraseado seria impossivel dizer a que paiz pertencia.

— Bemdito seja Deus! — exclamou Peter. — Nunca vi nada semelhante a isto!... E a vestimenta que trazem?!...

Puz-lhe a mão na bôca para que se calasse.

— Não te preocupes com a vestimenta — volvi eu. — O que me assombra realmente, é como essas três pequenas puderam chegar até aqui. E demais a mais sendo gente fina como parecem ser.

As jovens eram realmente encantadoras e o seu traje mais completava a sua belleza.

Sãias curtas, com grandes grinaldas de flôres que lhe caíam sobre a sãia á maneira de festões, e uma especie de casacos de pelle de marta contornando-lhe o airoso corpo. Na cabeça traziam uns bonets tambem de pelle, sob os quaes lhe sahia o cabello em grandes caracoés a contornar-lhe o rosto, fazendo lembrar um grupo de bailarinas da grande opera parisiense. A sua voz bem timbrada repetia-se de rocha em rocha como se estivessem cantando no palacio de Eco, a que o socego da noite dava ainda mais relevo.

Mas que fariam por aquelles sitios?

Só Deus o sabia e não um pobre marinheiro como eu.

— Que dizem ellas, Peter — perguntei eu o mais em segredo possivel. — Percebes alguma coisa do que dizem?

— Sei lá!... Parece uma mistura de francez e allemão, se me não engano, mas o que sei é que nem o diabo será capaz de as perceber.

— Já vejo, amigo, que não és muito forte em linguas. O que ellas falam tambem pode

muito bem ser uma mescla de francez e inglez. Ora escuta e vê lá se te convences.

Peter poz se a escutar attentamente a cantiga das raparigas, cujas phrases se foram extinguindo pouco e pouco, até se perderem por completo proximo do jardim de miss Ruth.

Só uma palavra parecia mais musical; era a palavra «Rosamunda... munda... munda...» e não se pode imaginar quão fresca era a voz que a pronunciava e que bem cahia n'aquella sosegada noite.

Mas ao mesmo tempo Peter sentia calafrios quando se recordava de que tinha presenciado, como eu, aquella scena do fuzilamento dos marieiros do *Santa Cruz*.

Parece-me que os meus companheiros julgaram ser tudo aquillo uma visão phantastica, e só recuperaram a fala, quando lhes disse:

— Seres humanos ou espiritos, não são para acobardar homens como nós! E os diabos me levem, se tu só, Peter, não tens força sufficiente para agarrares essas raparigas e



CASA SUBMARINA. CAP. V.—... tres raparigas saltando de rocha em rocha...

mettel-as todas três no bolso das tuas calças!... Quererás tu dizer-me, que nós quatro vamos a ter medo de três raparigas bonitas?... Até me envergonho de o pensar!

Estas palavras pareceram animal-os um pouco, e Peter Bligh apressou-se a desculpar-se.

— Peter, — exclamou Dolly Venne, — são três raparigas soberbas, e o que eu mais desejava agora, era ir ter de ceiar com ellas! Olha, lá entraram para casa e mais alguém vai com ellas, ainda que não destingo bem se é homem ou mulher quem as acompanha.

— Que me enforcem no lais da verga, se não me parece que é um leão! — disse Seth Barker, pedindo-me desculpa por haver falado assim.

Todos nós parámos então, porque estavamos exactamente sobre a parte do monte que dava sobre a casa de Ruth, e lá em baixo, na

pedreira, viamos as três raparigas trazendo ainda os archotes accesos, rindo e conversando animadamente com o homem mais extraordinario que uma mãe tem deitado ao mundo.

Nunca tinha visto em minha vida, um ser humano tão notavel como aquelle.

Homem ou leão, como lhe chamara Seth, não serei eu que o contradiga, pois a enorme cabelleira que usava, mais parecia a farta juba do rei das selvas, do que o cabello corredio d'um ser humano; cabello que lhe cahia até aos hombros e em tal abundancia, que quasi chegava para encher um colchão.

O traje era uma mescla dos dois sexos, isto é, metade femenino e metade masculino.

Um saiote feito de farrapos lhe cobria as pernas, uma jaqueta de marinheiro, tapava-lhe o tronco e um chaile lhe cahia dos hombros como se lóra um manto posto á *la diable*.

As pernas nuas e resequidas como o tronco d'uma arvore, finalisavam por uns pés que enfiavam n'umas botas esburacadas e que diriam perfeitamente nos pés d'um trapeiro.

Mas o mais interessante de tudo era vêr o que faziam as três interessantes raparigas.

Acariciavam-no e falavam-lhe alegremente, e uma d'ellas, até lhe poz na cabeça esgadelhada, uma corôa de rosas, ao mesmo tempo que entoavam aquella canção da Rosamunda... munda... munda, deitando depois todas a correr para a parte N. da ilha e deixando-nos em completa obscuridade.

— Que bello typo para se encontrar de noite n'uma estradh, — exclamou sarcasticamente Peter Bligh.

— E as pequenas a darem-lhe beijos como se elle fosse um Apolo! — voltou Dolly Venne, que sem duvida se estava mordendo de inveja.

Impuz-lhe silencio e sem demora nos dirigimos para casa de Ruth Bellenden.

Todas aquellas coisas extraordinarias que tinha visto e ouvido: os foguetes do recife, os tiros, aquelle homem selvagem, as pequenas descendo pelos rochedos, enfim tudo isto, começava a impressionar-me fortemente, e cada vez me convencia mais, que minha ama necessitava do meu auxilio com urgencia.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



NECROLOGIA

Conselheiro Antonio Maria de Amorim

Temos que registrar hoje, nesta secção de necrologia, o falecimento de mais um funcionario prestante, com longa vida nos serviços publicos, conselheiro Antonio Maria de Amorim, que baixou ao tumulo no dia 10 do corrente.

As notas biographicas que passamos a extrair do *Dicionario Historico Biografico Portugal* são testemunho do prestimo e valor do falecido, que se distinguiu no funcionalismo official a que dedicou toda a sua vida.

Antonio Maria de Amorim, nasceu na Lurinhã a 8 de dezembro de 1825, quando seu pae, o dr. José Antonio de Amorim, ali estava medico do partido da camara municipal.

Em 1849 formou-se na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Nomeado primeiro official da secretaria do Conselho Superior de Instrução Publica, serviu com elogio esse logar até á extinção deste conselho, em 1859. Em commissão foi secretario da camara municipal de Coimbra e elogiado pela excelente organização dos serviços daquela secretaria. Precedendo concurso, foi nomeado, por decreto de 12 de janeiro de 1860, primeiro official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino e, pouco

depois, chefe da repartição de instrução primaria, etc.

Por varias vezes desempenhou o cargo de Director Geral de Instrução Publica, no impedimento ou vaga dos eféttivos, pelo que foi graduado nesta categoria, por decreto de 16 de fevereiro de 1865, sendo elogiado oficialmente em varios diplomas e conferida a carta de conselho em 18 de julho desse mesmo anno.

Em 1869, pela extinção daquellas repartições, ficando só a de Instrução Publica, foi della nomeado chefe. Na Conferencia Escolar, de 1869, serviu o conselheiro Amorim de secretario, merecendo um voto de louvor unanime. De 1870 a 1878 exerceu o logar de secretario da Junta Consultiva de Instrução Publica, pelo que foi elogiado em sessão da mesma junta.

Por decreto de 14 de novembro de 1878 foi nomeado director geral da Instrução Publica, e, em 1884, por decreto de 19 de julho, vogal da secção permanente do Conselho de Instrução Publica. No anno seguinte, por decreto de 26 de dezembro, é nomeado secretario geral do ministerio do reino.



CONSELHEIRO ANTONIO MARIA DE AMORIM

Criado o Ministerio da Instrução Publica e Belas-Artes, passou a secretario geral desse ministerio em 1899. Extinto este, em 1892, ficou adido á nova Direcção Geral de Instrução Publica e nomeado vogal do novo Conselho Superior.

O sr. conselheiro Amorim passou cêrca de cinquenta annos no desempenho de altos cargos da instrução publica, o que basta para atestar sua competencia.

De 1878 a 1882 desempenhou as funções de adjunto ao provedor do Asilo da Mendicidade de Lisboa. Teve tambem a seu cargo o colecionar a legislação portugueza.

Foi membro das comissões preparatorias dos trabalhos para as exposições de França, Italia e Espanha, e pelos serviços prestados a esses paizes recebeu varias condecorações e a medalha de honra conferida pelo governo francês.

O illustre extinto era socio do Instituto de Coimbra e de outras sociedades scientificas. Era condecorado com varias ordens estrangeiras, entre ellas a grã-cruz de Isabel a Catolica, Corôa de Italia, official da Instrução Publica de França, e comenda de Sant'Iago.

Gaspar Pinto Teixeira * ALFAYATE

Fazendas modernas para a estação de verão

GRAVATARIA

Rua Augusta, 245 e 247 — LISBOA

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularizar as funções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso 6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegias

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernandes Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche



Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dôr

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

Cambios e Papeis de credito

Vierling & C.ª, Limitada

NUMERO TELEPHONICO 411

44, R. do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

— LISBOA —

Endereço telegraphico — STERLING.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)